

FETICHISMO EM ESTADO NASCENTE¹

Alexander S. Lorand.²

Tradução: Ana Beatriz Albernoz.

Revisão: Alessandra Barbieri e Adela Stoppel de Gueller

Minha amizade com os pais de um garotinho de quatro anos me permitiu observá-lo. Ele era filho único, o centro das atenções e objeto de afeição exagerada de ambos pai e mãe, assim como parentes e amigos. As observações que eu vou apresentar não serão novas, já que a prática psicanalítica oferece a oportunidade de reconstituir acontecimentos da primeira infância similares a esses. A única razão para apresentá-los é acrescentar às evidências por detrás do mais recente conceito de fetichismo de Freud, primeiro descrito em 1928.

Eu lhes darei um breve histórico do garotinho para que o elo entre seus sintomas e suas experiências antecedentes fique mais compreensível.

Harry era precoce e o seu desenvolvimento mental era muito rápido. Seu interesse e sua curiosidade sobre tudo eram suas características mais marcantes, e o conduziram por cada fase de seu desenvolvimento. Sua curiosidade aparecia em inúmeras perguntas sobre tudo e todos. Mas isso parou bruscamente por volta dos quatro anos, quando ele começou a tentar entender as coisas ele mesmo, como números, o significado das palavras, etc. Quando eu primeiro notei esse hábito que vou descrever ele tinha apenas quatro anos e ele vinha se deleitando por alguns meses. O hábito consistia em acariciar e beijar os sapatos de mulheres amigas de sua mãe, mas apenas

¹ Este texto foi apresentado nas sessões prévias do Congresso de Psicanálise em Oxford em 1929, dois anos depois de ter sido publicado o texto *O fetichismo* de Freud (1927).

² Texto publicado na *International Journal of Psychoanalysis*, Nº11, 1930:419-42. Direitos de tradução cedidos.

daquelas amigas de quem ele gostava muito. Além disso, quando essas amigas mulheres estavam sentadas em volta da mesa, ele tentava levantar suas saias e olhar sob elas. Esse hábito de explorar debaixo da saia vinha desde o ano anterior; a mãe tinha-o notado a primeira vez numa viagem de barco. Harry estava tentando levantar a saia de sua mãe e a de sua amiga e fez uma cena quando repreendido. Mais recentemente ele vinha perguntando repetidamente – com relação à uma amiga em particular de sua mãe – se ela tinha o mesmo grande *pussy*³ (essa era a sua palavra para pênis) como o papai, para grande constrangimento dos pais. Ele tinha outras perguntas que constrangiam os pais, e com frequência as fazia na frente de outros. Ele tinha várias maneiras de perguntar sobre funções intestinais e urinárias. As respostas, geralmente dadas pela mãe, não pareciam satisfazê-lo. Quando a mãe explicou que a urina vinha da água que ele bebia e as fezes da comida sólida, ele perguntou: “Então como é que eu bebo tanta água gelada e o xixi é quente, e a comida cheira tão bem quando eu como e cheira tão mal quando sai? Essas perguntas, com muitas outras permaneciam não respondidas pela mãe”.

Quando era repreendido pela mãe por acariciar os sapatos de suas amigas mulheres, e questionado por que ele o fazia, essa criança, normalmente muito ativa tornava-se repentinamente silenciosa, retirava-se para o seu quarto, e pelas próximas horas mal conseguiam fazê-lo falar.

Os pais ficaram lisonjeados com o meu interesse na criança, embora não pelo aspecto científico. Eles ficaram lisonjeados apenas o tanto quanto o interesse de qualquer pessoa os teria lisonjeado. Então eu me tornei um bom amigo de Harry e o visitei por mais de meio ano, uma ou duas vezes por semana, normalmente aos domingos e feriados, quando eu passava quase toda a tarde em sua companhia. Logo ficamos muito íntimos. Na primeira visita,

³ Pussy é o termo da língua inglesa usado por crianças pequenas para designar o órgão genital feminino

ele tentou acariciar meus sapatos, o que, os pais disseram, era muito raro. Ele nunca tinha acariciado os sapatos de um homem antes. Ele me apresentou ao seu quarto de brinquedos, e começou a me contar pequenas histórias, algumas das quais tinham sido lidas para ele de livros de histórias. A maioria delas ele mesmo tinha criado.

Quando sua confiança em mim tinha crescido, ele tentou abordar-me com perguntas, aparentemente para ver se elas provocariam em mim respostas diferentes daquelas que os seus pais tinham lhe dado. As perguntas eram sobre a origem das crianças, morte, e uma vez houve uma pergunta sobre o uso do pênis. A pergunta foi colocada dessa maneira: “Você usa o seu *pussy* para fazer xixi também?” Na época em que comecei minhas observações, sua maneira favorita de brincar era sentar-se por horas em uma pequena escrivaninha, vestindo bonecas de papel. Em nossa conversa sobre isso, eu perguntei diretamente uma vez quem ele estava vestindo quando ele vestia uma boneca, e ele respondeu espontaneamente: “Mamãe”. Na verdade, ele tinha bastante interesse nas roupas de sua mãe. Ele fazia comentários sobre sua aparência; ele sempre estava por perto dela quando ela se vestia e queria ajudá-la. Ele também prestava muita atenção ao que a mãe comia, e dizia que queria que ela permanecesse magra, já que ele não gostava de mulheres gordas. A mãe era muito cuidadosa com sua aparência e dava atenção especial aos seus calçados, comprando vários pares de sapatos de uma só vez.

Depois de brincar sozinho um pouco ele repentinamente gritava tanto que seus pais iam correndo ao seu quarto. Ele explicava que tinha gritado porque tinha visto uma sombra escura em frente da janela ou uma nuvem escura passando. Ele me mostrou como tinha que se deitar com o rosto voltado para o chão e apertá-lo contra o chão para não ver a sombra. Ele costumava sonhar com uma nuvem escura e depois correr assustado para a cama de sua

mãe, que era perto da sua, já que ele dividia o quarto com ela e seu pai dormia no quarto ao lado. Quando ia para a cama da mãe, dizia, ele não tinha mais medo. Ele também me contou de um sonho no qual via o obelisco no Central Park. Havia um homem na frente do obelisco falando para as crianças sobre a amplitude da sombra que o obelisco lançava. A mãe me contou que isso tinha acontecido realmente uma vez no Central Park.

Na vez em que o visitei logo após ter me contado sobre o sonho do obelisco, ele pulou alegremente no meu colo e me contou sobre outro sonho. Ele tinha visto uma criança – uma criança de madeira – com um nariz imenso. As mãos eram cortadas. “Você as cortou”, ele me disse rindo. Quando eu perguntei por que eu as tinha cortado, ele me disse que eu o tinha feito para que a criança não pudesse mais coçar. Quando eu perguntei, “Coçar o quê”, ele respondeu, “O nariz”. Antes disso a mãe tinha me dito que a criança tinha desenvolvido o hábito de ajustar continuamente suas cuecas na frente, que ela havia chamado sua atenção, dizendo que não era bom. Harry continuou, me contando sobre outra criança, também com um nariz grande, que subia em árvores para procurar lagartas, que as lagartas mastigaram seu nariz e o fizeram pequeno. Por um longo período depois disso, sempre que eu vinha visitá-lo ele começava dizendo: “Você sabe o que aconteceu com a criança desde a última vez?” E continuava me dizendo que outra parte do corpo tinha sido comida. Uma vez um braço, a próxima vez outro braço, uma perna etc. Eu fiquei sabendo que os pais tinham tentando amedrontá-lo dizendo que se ele contasse uma mentira, a rigidez ou a flacidez do seu nariz mostraria.

Nesse meio tempo ele desenvolveu um medo de infecção. Se ele arranhasse o dedo só um pouco – nem mesmo chegando a sangrar – ele mesmo corria ao banheiro e punha iodo no dedo. Ele mostrava essas marcas de iodo com orgulho e sempre queria se ressegurar de que nada aconteceria

com ele. Esse hábito de passar iodo começou depois que ele viu um homem no metrô com ambas as mãos enfaixadas, as faixas manchadas com sangue. Ele também me contou de uma garotinha que ele tinha visto no acampamento no verão anterior, uma menina que não tinha dedos em nenhuma das mãos. Naquela época ele tinha medo de se aproximar dela e conversava com ela apenas à distância. Foi explicado para ele que seus dedos tinham congelado, mas ele continuamente me perguntava porque ela não tinha dedos.

No nosso próximo encontro ele me abordou silenciosamente, e com medo em seus olhos, ele disse, “Você não vai me fazer desaparecer, vai?” Nessa visita ele não estava muito interessado em seus brinquedos, nem falou muito. Ao contrário, ele sentou na sua escrivaninha e fez garranchos em uma folha de papel e desenhou figuras. Quando ele viu que eu estava interessado nas figuras, ele desenhou um menino e uma menina para mim, e então um “grande menino feio”. Ele desenhou seus olhos e orelhas com bastante cuidado, contou cinco dedos em cada mão, e em cada caso anexou à parte baixa do abdômen uma linha que representava o *pussy*. Novamente ele voltou a falar sobre arranhões e ferimentos, e queria ser ressegurado que suas amídalas, que tinham sido removidas o ano anterior, tinham sido removidas completamente e que ele não seria operado novamente.

Na minha próxima visita, eu fui informado que no dia anterior, quando sozinho no seu quarto, Harry tinha cortado uma mexa do seu cabelo da frente da cabeça. Ele estava pronto para discutir o assunto e, risonhamente, me contou a história, dizendo que ele não sabia porque o tinha feito, mas que havia se arrependido.

Durante essa visita, um parente veio para visitar a família, um homem com uma perna amputada. Harry não pôde ser convencido a entrar na sala; no momento em que ouviu a voz do homem, correu gritando para o quarto. Na

próxima vez em que o vi fez várias questões sobre morte aflitivamente, e em uma voz chorosa disse que queria que seu pai vivesse para sempre e não morresse logo. Ele também estava ansioso para obter repostas para perguntas como de onde vem as crianças. O pai tinha explicado para ele que Deus as faz e as manda para baixo. Perguntas incansáveis seguiram essa explicação. “Como eles vêm para baixo? Não há escada”. Então ele atormentou seus pais para dizer a ele porque algumas crianças são meninos e outras são meninas. A explicação da mãe foi que elas eram enroladas em roupas e que as roupas faziam delas meninos ou meninas. Para o quê a resposta de Harry foi: “Por que você me vestiu de menino se você queria uma menina?” Esta pergunta se referia a uma reprimenda que seu pai tinha feito uma vez, dizendo a ele para se comportar porque sua mãe queria uma menina de qualquer maneira, e meninas dão menos trabalho. Ele queria que eu lhe dissesse se as crianças nascem peladas, quantas crianças Deus faz, e se Ele as faz, porque Ele não as faz adultas? Quando lhe perguntei porque ele preferiria que as crianças nascessem adultas, ele pensou por um momento e respondeu: “Para que eu não tivesse que comer tantos vegetais”.

Como eu já havia mencionado, seus pais tinham quartos de dormir separados, ele dormia no quarto de sua mãe. Até o ano anterior ele havia dormido na mesma cama com ela e algumas vezes o fazia até agora. Isto lhe dava ampla oportunidade para explorar o corpo da mãe. Algumas vezes, quando sentado no colo da mãe, na minha presença, ele procurava seu seio. Quando perguntado o que estava fazendo, respondia rindo que estava procurando pelo “papai”. A mãe parecia entender o que ele queria dizer, e me contou que logo depois de sua cirurgia de fimose, sobre a qual falarei depois, ele viu uma vaca com muitos úberes e disse, “Viu quantos *pussies* a vaca

tem?” Ele tinha muitos ciúmes do pai, e quando o pai dava um beijo de adeus na mãe ele tinha que seguir beijando a mãe muitas vezes.

Após ter sido operado de fimose, com dois anos, ele apresentou, por um longo tempo, medo de objetos que se movessem, particularmente de um relógio de pêndulo, que os pais relacionaram com um grande relógio de pêndulo que ficava na sala de espera do médico. Além disso, logo antes da operação, o pai tinha carregado o menino nos ombros, e o lustre tinha batido em sua cabeça. Nessa idade, ele tinha sido muito admirado por sua habilidade de pegar qualquer disco que lhe fosse pedido, dos por volta de cem que os pais possuíam. Agora, quase três anos depois, eu peguei uns discos e perguntei ao Harry como ele os reconhecia. Em volta do centro de cada disco, aonde era colocado no pivô, havia duas linhas. Ele reconhecia imperfeições nessas linhas, e também, variações praticamente imperceptíveis na cor da etiqueta de papel, novamente na direção do buraco central. Esse forte instinto epistemofílico permaneceu inalterado, assim como seu poder de memorizar coisas vistas ou ouvidas. Seu gosto por desenhos voltou, depois de uma pausa de alguns meses, mas agora suas figuras não eram tão distintas como as descritas anteriormente. Ele ainda anexava um pênis às figuras de ambos meninos e meninas, mas não era mais uma simples linha. Ela tinha assumido uma grande semelhança com os genitais masculinos, e de um certo modo, todo o corpo estava genitalizado – as partes mais importantes do desenho sendo o pescoço longo, o peito pequeno, e a cabeça muito pequena. Os olhos, nos outros desenhos, tinham sido preenchidos muito cuidadosamente com pupilas, agora eles eram apenas círculos.

Sua atração por acariciar sapatos não se apresentou mais. Parecia que reprimendas e exigências dos pais o tinham habilitado a suprimi-la.

A história que vocês acabaram de ouvir, embora fragmentada, não deixa de prover material para conclusões baseadas na apresentação de fetichismo de Freud, e adiciona evidências de fetichismo em seu original estágio na infância. O artigo de Freud apresentou o fetichismo como um substituto para o falo da mãe, no qual o garotinho uma vez acreditou e não quer renunciar como uma proteção contra a angústia de castração. O fetichismo é a última conseqüência da retenção dessa fantasia mesmo depois que o indivíduo se convenceu de sua falsidade, mas na infância há outras conseqüências da fantasia do “pênis feminino”. Em relação ao caso do pequeno Harry, eu estava particularmente interessado na nota de rodapé do artigo de Freud, na qual ele se refere ao seu artigo de 1910, “Uma memória da infância de Leonardo da Vinci”. Aqui ele tinha afirmado que no fetichismo em relação ao pé ou sapato, o pé ou o sapato é um símbolo substituto para o pênis feminino, a mulher sendo sempre a mãe. Essa menção casual já continha a conclusão apresentada em 1928 e não poderia ter levado a qualquer outra. Todas as investigações do fetichismo, especialmente as de Abraham, levaram à conclusão de que o fetichismo tem algo a ver com o pênis feminino. Nós sabemos que todas as dificuldades psico-sexuais e perversões na vida adulta são resultado de experiências no desenvolvimento sexual da primeira infância, e da fixação nesse período, e o fetichismo é o substituto para o pênis feminino; então imediatamente a explicação se oferece de que a mulher não pode ser outra além da mãe, que é o primeiro objeto de amor e que está sempre com a criança durante seu primeiro desenvolvimento sexual e em torno de quem ele acontece. Mas é algo bem diferente de conjecturas teóricas seguir fatos acontecendo ante nossos próprios olhos.

Podemos falar de fetichismo apenas, como Freud diz, quando o fetiche está completamente separado da pessoa amada e assumiu nele mesmo todos os

atributos do objeto sexual. Isto é o fetichismo como uma perversão em adultos. Mas na infância, a mesma manifestação fetichista é transitória, e tende a desaparecer sob as forças da repressão. É merecedor de atenção nesse estágio primário de desenvolvimento, onde o interesse da criança não pode ser separado do objeto de amor – a mãe. O desenvolvimento sexual encontra-se em pleno progresso. A angústia de castração, que é o pivô em torno do qual o desenvolvimento sexual da criança se move, e que ativa sua insistência em acreditar no pênis feminino, resulta em varias manifestações. Nós devemos considerar a angústia de castração como sendo muito forte para criar uma negação a um fato que o garotinho teve ampla oportunidade de aprender. A curiosidade do pequeno Harry, que sempre o levou a tentar e descobrir coisas novas e que refinou suas tendências escopofilicas que se demonstravam na sua habilidade de memorizar leves graduações de cor e linha em discos, estavam certamente conectadas muito cedo com curiosidades sobre assuntos sexuais. Mais forte as tendências de exploração, mais e mais aceitações da realidade são demandadas. E se elas continuam em assuntos sexuais, como uma conseqüência natural, mais repressão tem que vir no estágio quando o superego, com sua faculdade proibitiva se instaura. Nós devemos conceber que a faculdade proibitiva do superego apareceu bem tarde no caso do pequeno Harry, quando a curiosidade com relação ao corpo de sua mãe e seu genital tinha sido irrestrita por um longo período. E apesar das evidencias que o garotinho certamente encontrou, ele não pôde mudar a sua concepção do pênis feminino. Aceitar a verdade teria interferido com as quase ilimitadas gratificações ligadas a sua curiosidade, que atingiram o pico na oportunidade de dormir com sua mãe e subir sobre ela. Do ponto de vista do superego ele somente poderia continuar desde que a mãe e ele fossem da mesma constituição física. A percepção da diferença sexual entre eles teria, *eo ipso*,

posto um final a todas as brincadeiras sexuais com a mãe (entrar debaixo de sua saia etc.).

Essa fantasia fundamental de empossar a mãe de um pênis deve ter tido seu efeito em outra fantasia importante – a do nascimento. O seu questionamento constante entre as idades de quatro e cinco anos sobre o nascimento mostrou seu conflito agudo e também suas tentativas de resolvê-lo de uma maneira satisfatória. Com a aceitação do pênis da mãe, a rejeição da vagina foi realizada e com ela a teoria do nascimento pela vagina.

O sentimento de culpa teve um lugar primordial na criação da neurose infantil de Harry e seus sintomas. Os impulsos que Freud determinou como sendo de importância primordial na criação do fetichismo – o instinto epistemofílico e osfresolagnia⁴ – estavam marcadas em Harry tão cedo como na idade de dois anos, e puseram a angústia de castração para trabalhar mais insistentemente. O resultado disto mais tarde, como nós sabemos foi o agraciamento da mãe com um pênis, que, insatisfatoriamente, pode ser considerado como uma identificação da mãe com ele mesmo. Ele fez a mãe como ele mesmo, para não ser forçado a desistir do seu próprio pênis, a avaliação narcísica pode ter sido reforçada pela sua observação do seu pai, cujos genitais ele tinha tido livre e ampla oportunidade de observar. Nós podemos conceber várias forças trabalhando nas tendências sexuais do pequeno Harry. Suas tendências genitais, no pico do período edípico, o levavam em direção à possessão da mãe, que envolve a tendência de possuí-la com o pênis. Nesse sentido ele tinha atingido o nível genital do período edípico. Mas enquanto ele estava no ponto mais alto de sua auto-estima, depois de ter sido o centro das atenções toda sua vida e de ter tido toda a oportunidade de brincar com a mãe, a proibição e privação instauradas pelo

⁴ do grego: *ósphresis* – olfato, osfresia – sensibilidade olfativa intensa e *lagnéia* – coito, lubricidade, prazer

superego em desenvolvimento começaram a se mostrar contra estes objetivos genitais. Isto Harry concebia como angústia de castração. Então, como um compromisso entre seu desejo e sua culpa, ele agradeceu a mãe com um pênis, o que o salvou da castração, já que isto era uma negação da vagina da mãe, e o triângulo feliz de pai, mãe, criança foi mantido como antes, sem interrupções.

Neste pequeno drama primário, diferenças na distribuição de forças dinâmicas devem ser responsáveis pela escolha, como Freud diz: homossexualidade causada pelo medo da castração depois da visão do genital feminino, fetichismo criado para manter o medo da castração afastado, ou a conquista completa do medo da castração.

Em todos os três casos – normalidade, homossexualidade, fetichismo – nós podemos dizer que a maneira e o grau de identificação com o progenitor é um fator muito importante no resultado do complexo de castração, e com ele a criação da perversão ou de uma atitude sexual normal. O homossexual é quase uma identificação feminina completa, aceitando a mãe como ela é, com o genital feminino, se fazendo como ela. O resultado saudável é uma identificação sexual perfeita com o pai. O fetichismo salva o indivíduo de se tornar um homossexual, mas o salva, ao mesmo tempo, de se tornar normal, o que traria o perigo da castração.

O pequeno Harry mostrou uma tendência definida para uma identificação feminina, que ele demonstrava pela imitação da mãe e também com suas perguntas sobre porque os pais não o tinham vestido como menina, já que eles queriam uma. O que necessita explicação é como, em tão primeira infância, nós já vemos tão clara diferenciação entre dois modos de identificação. Certamente a tese de Freud de que impulsos quantitativos são responsáveis pela origem de cada neurose pode ser aplicada aqui, e eles nos ajudam a ter um entendimento da formação do fetichismo. Um certo grau de

vacilação na escolha de objeto feita pelo pequeno Harry foi mostrado quando ele não apenas acariciava sapatos de mulheres, mas no começo do meu contato com ele, ele tentou fazer a mesma coisa com meus sapatos. Ele tentou primeiro polir e beijá-los, mais tarde ele costumava tentar cavalgá-los, numa posição sentada, o que pode ter dado a ele a sensação prazerosa de balançar e o contato com a região anal. O tratamento carinhoso com meus sapatos, e a total ausência de um elemento hostil, poderiam ser atribuídos, depois da explicação de Freud, à falta de uma identificação mais forte com o pai. Quando há uma identificação forte com o pai em fetichistas adultos, podem haver ambas uma adoração e uma atitude castradora com relação ao fetiche, como eu tive a oportunidade de observar no caso de um de meus pacientes, que sublimava suas tendências fetichistas em sua ocupação. Ele tinha sido atraído por mulheres toda sua vida, e nunca tinha consumado o intercursos sexual. Seus orgasmos eram obtidos por ver e acariciar pelos genitais, e algumas vezes por puxá-los a um grau de causar dor. Na sua escolha de objeto sexual, a cor do pêlo era importante. Depois de se graduar na faculdade como contador, ele começou a trabalhar confeccionando casacos de pele. O que lhe deu a oportunidade de trabalhar com pêlos, cortá-los, e nesta linha ele teve sucesso.

Eu gostaria de chamar a atenção para os desenhos que estou apresentando⁵, e a mudança pela qual eles passaram durante o meio ano entre a primeira e a segunda leva. A tendência a genitalizar todo o corpo e a enfatizar mais e mais o tamanho dos genitais, se mostrou em desenhos da segunda leva, quando nós podemos considerar que a concepção de Harry do pênis feminino estava se esvaindo. Quanto mais ele tinha que se dar conta do fato inescapável da ausência do pênis feminino, mais forte o seu medo de

⁵ Esses desenhos não constam na edição original da International Journal of Psychoanalysis. Foram apresentados em sessão prévia ao International Psycho-Analytical Congress em Oxford, em Julho de 1929.

castração se tornava, e necessitava uma aderência mais forte à fantasia do pênis feminino em seus desenhos.

No caso do pequeno do pequeno Harry, o cortar com as tesouras, o desenhar, o acariciar os sapatos, a vestimenta continua das bonecas, que pode ter significado o contrario, desnudá-las (o que foi expressado em sua tendência a entrar debaixo das saias de mulheres visitantes) – todo este jogo estava conectado com seus instintos sexuais como toda brincadeira está, e de acordo com a conexão descrita e avaliada pelo Dr. Pfeifer e a Sra. Klein.

No seu acariciar os meus sapatos pode ter havido algum apelo ao pai para diminuir o medo da castração.